

Um Caso da Agência de Detetives Guanabara Real

Palco da morte



Enéias Távares ♦ Nikelen Witter ♦ A.Z. Cordenonsi



◆◆◆
GUANABARA REAL
——
AGÊNCIA DE DETETIVES

Copyright ©2017 A. Z. Cordenonsi, Enéias Tavares, Nikelen Witter

Todos os direitos dessa edição reservados à AVEC Editora.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos ou em cópia reprográfica, sem a autorização prévia da editora.

Editor

Artur Vecchi

Projeto gráfico e diagramação

Vitor Coelho

Ilustração de capa

Poliane Gicele

Design de capa

Vitor Coelho

Fotografias

Ronald Mendes

Revisão

Giovana Bomentre, Juliana Gallo e Isadora Brusius

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C.794

Cordenonsi, A. Z.

Guanabara Real : a alcova da morte / A. Z. Cordenonsi, Enéias Tavares, Nikelen Witter. — Porto Alegre : AVEC, 2017.

ISBN 978-85-67901-88-6

1. Ficção brasileira

I. Tavares, Enéias. II. Witter, Nikelen. III. Título

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1.Ficção : Literatura brasileira 869.93

Ficha catalográfica elaborada por Ana Lucia Merege — 467/CRB7

1ª edição, 2017

Impresso no Brasil/ Printed in Brazil

AVEC Editora

Caixa Postal 7501

CEP 90430-970 — Porto Alegre — RS

contato@aveceditora.com.br

www.aveceditora.com.br

Twitter: @avec_editora

Um Caso da Agência de Detetives Guanabara Real

Palco da morte

Enéias TAVARES

Nikelen WITTER

A.Z. CORDENONSI



Flamengo, 10 de julho de 1892.

Ilmo. Exmo. Senhor Barata Ribeiro

Intendente do Distrito Federal

Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro

Respeitoso e prezado amigo, espero que esta o encontre gozando de excelente saúde e bons augúrios, pelo bem de nossa maravilhosa cidade e de todos os seus diletos habitantes.

É com a mais profunda gratidão que deito no papel estas poucas palavras de louvor à vossa pessoa. Desde que adquiri o matagal selvagem e o território insalubre do Corcovado, para ali erigir um monumento à nossa cultura, tecnologia e civilização, obtive de vossa excelência o mais generoso dos apoios, sem o qual não teria conseguido levar adiante minha luta pelo progresso de nosso país.

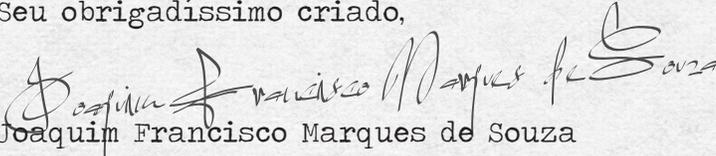
Ademais, como cidadão e incansável servo da mãe pátria, desejo novamente erguer até vossa excelência meus protestos de gratidão pelos incentivos à indústria e ao comércio de nossa cidade. Bem como pelo vosso alto grau de atenção às necessárias melhorias a fim de aumentar o trato das exportações, que tão grandemente têm estimulado os verdadeiros empreendedores e construtores desse país.

No tocante à minha própria indústria, não posso deixar de prestar minha sincera devoção ao altíssimo comprometimento de vossa excelência com o futuro desse projeto, cedendo alguns trabalhadores para a conclusão dessa obra de tão importante monta. Também gostaria de destacar as boas-vindas dadas aos artistas e engenheiros vindos da França para o trabalho.

Tenho certeza de que tal projeto marcará a paisagem de nossa cidade como monumento de engenharia moderna e como signo de nossa grandiosidade. Não tenho dúvidas de que, doravante, o Corcovado será lembrado como um importante cartão postal, tanto em âmbito nacional quanto mundial. E que o mesmo atrairá estrangeiros sedentos de nossas infinitas belezas naturais, e pela nova e gloriosa civilização que essa época inaugura.

Desde minha chegada à capital, tenho sido cumulado das dádivas da amizade de vossa excelência e, por conta disso, faço-o ciente de meus votos de ser um correspondente à altura, para vossa excelência e para o povo do Rio de Janeiro.

Seu obrigadíssimo criado,


Joaquim Francisco Marques de Souza

Barão do Desterro

CAPÍTULO 1

MARIA TEREZA

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1892.

Corcovado, 17 horas.

O cocheiro veio correndo ajudá-la a descer da carruagem. Quando chegou, ela já fechava a porta pelo lado de fora. Maria Tereza entregou o dinheiro na mão estendida do homem e agradeceu por educação. O sorriso foi sua gorjeta.

O homem olhou-a de cima a baixo com uma expressão incerta.

— A inauguração estará bastante movimentada — comentou ele.

— Sim, sim — concordou, notando a multidão que chegava ao Corcovado. — Será um grande evento.

Ela o dispensou com um aceno de mão. Depois, olhando as pessoas em torno com atenção, ajustou o casaquinho sobre o vestido verde e o chapéu ostensivamente grande sobre a cabeça. Deixou a sombrinha pender ao lado do corpo movimentando-a com charme.

Avançou em direção ao porteiro do evento. Uma pequena fila se formava à frente dele. Mulheres vestidas com tecidos claros e diáfanos, como pedia o fim da tarde, acompanhadas por homens em sisudos ternos cinzentos de passeio. O horário vespertino da inauguração se devia à moderna iluminação elétrica, novidade que seria demonstrada naquela noite.

No sopé do morro, em torno da “boa sociedade” que chegava para a festa, havia uma miríade de pessoas de toda cor e jeito. Vendedores,

curiosos e alguns trombadinhas. Bem menos que o habitual, notou Maria Tereza.

O porteiro saudou-a com a mão ao quepe.

— Bem-vinda, Madame Floresta.

— Obrigada, Lancelote.

— A madame se lembrou do meu nome. — O homem inflou a libré azul na altura do peito, a pele marrom brilhava de suor.

— Nunca esqueço uma gentileza — disse estendendo a mão, que ele beijou como um fidalgo, dando passagem para que ela prosseguisse em direção ao trem que levava até o alto do Corcovado.

Não pediu o convite que ela, por certo, não tinha. Aí estava a vantagem de dar atenção a todos. Como costumava dizer a Firmino, saber o nome das pessoas era uma arma.

Na primeira vez em que encontrara Lancelote da Silva — ex-praça da Guarda Nacional e porteiro de confiança em festas e eventos promovidos pelo Barão do Desterro, recitou mentalmente — precisou usar um pouco de persuasão para que ele lhe franqueasse a entrada. Nas outras duas ocasiões, seu acesso fora tão fácil quanto o que acabara de ocorrer.

Começou a subir a pequena ladeira em direção ao trem. O chão de pedras irregulares pedia atenção por causa dos sapatos forrados. Logo atrás de si, ouviu uma mulher questionar:

— Por que ela não precisou apresentar o convite?

Maria Tereza se voltou imediatamente e sorriu.

— Juiz Queiroz! — disse numa voz bem alta. — Que alegria o encontrar aqui.

Se ela achava importante conhecer os subalternos, jamais perderia o nome de um figurão.

O homem ficou branco. A esposa, vermelha. Maria Tereza estendeu a mão para ambos e o juiz não pôde evitar seu cumprimento.

— Ah, o senhor nunca me contou o quão adorável era a sua esposa — comentou ela, se inclinando para trocar beijinhos com a mulher. A esposa do juiz parecia chocada, mas não se esquivou.

— É, sim, claro. Querida, esta é a senhora Maria Tereza Floresta. Hã, minha esposa, Aurélia — disse apontando com a cabeça para a mulher. Tereza avaliou que ela deveria ter uns trinta anos e ser pelo menos vinte mais jovem que o juiz.

Aurélia levou a mão à boca num assombro.

— A detetive! — Seu rosto se transformou em encanto. — Eu li alguns de seus casos nos jornais. A senhora é muito corajosa. As coisas em que se envolve... É impressionante. Não é impressionante, Queiroz?

O marido concordou um tanto sem graça e Maria Tereza aproveitou a deixa. Deu um sorriso cúmplice para Dona Aurélia e se enganchou com delicadeza no braço da conhecida.

— Ah, a senhora sabe: um pouco de publicidade no meu ramo é sempre bom. Mas guardo comigo os melhores lances de cada caso. — A mulher arregalou os olhos, cheia de interesse. Devia considerá-la uma personagem de folhetim. — Afinal, se divulgasse tudo, seria publicidade em demasia, pois não?

As duas riram com afinidade, o que poupou o marido da óbvia pergunta sobre como ele conhecia a dona da Agência de Detetives Guanabara Real. Embora a condição de juiz permitisse imensas possibilidades para esse contato, a verdade era muito deselegante para ser comentada. Em especial com a esposa.

O desconforto de Queiroz, contudo, era salutar para Maria Tereza. O homem aceitava sua companhia como garantia de que ela ficaria de boca fechada sobre a polaca que ele visitava com frequência no Senadinho. Quanto à esposa, mais curiosa a respeito de Maria Tereza que sobre o próprio marido, já na metade do trajeto do trem agia como se fosse sua amiga de infância. Com tão entusiasmada companhia, nem mesmo o Barão do Desterro em pessoa questionaria a presença da detetive em sua inauguração.

— O que acha que ele colocou lá em cima? — perguntou Aurélia.

— Sabe de alguma coisa que não sabemos?

“Sei”, pensou Maria Tereza, “mas não creio que a senhora teria estômago para os relatos que ouvi”.

Ela deu um grande sorriso e comentou:

— Oh, não! O Barão guarda seus segredos a sete chaves.

— Ele prometeu uma maravilha — disse Aurélia empolgada.

— Prometeu um marco e uma ode ao progresso da cidade — corrigiu o juiz Queiroz.

— Ora, uma maravilha então — garantiu a mulher.

— De minha parte, confesso que sentirei saudade do quiosque que havia lá no alto. Era um lugar verdadeiramente aprazível — comentou Maria Tereza.

O juiz não se comoveu.

— Bem, eu creio que o Barão fez muito bem em comprar o terreno e o morro todo — afirmou, voltando a se sentir seguro. — Quando caía a noite isso aqui virava um verdadeiro pardieiro. Não havia semana em que não encontrássemos o corpo de algum infeliz desovado no matagal que nos cerca.

“A diferença é que agora não temos os corpos”, refletiu Maria Tereza, “só uns pedaços”.

O juiz se apoiou na bengala e continuou o discurso:

— O Barão irá civilizar toda essa região. Chegarão investidores, gente de gabarito e pessoas de bem. Nada daquela cachorrada que vimos pedindo esmolas fora dos portões.

O pequeno sorriso de Maria Tereza não chegou aos olhos.

— O novo projeto de constituição da República quer fazer da “cachorrada” eleitores, juiz Queiroz.

— Uma aberração! — gesticulou o homem.

Maria Tereza abriu o leque. Era sua forma de respirar fundo quando

se exasperava. Seus dois colegas de agência certamente agiriam diferente. Firmino pularia no pescoço do homem. Remy talvez o enredasse num argumento intrincado até o juiz admitir que estava errado. Tereza se abanava e tomava nota. Cobraria mais tarde. Com juro.

A subida para o Corcovado estava mais rápida com o novo trem, o juiz apontou, consultando o relógio de bolso. O homem aproveitou para, mais uma vez, elogiar o Barão por ter modernizado o legado do Imperador. Aurélia cortou a ladainha de enaltecimento e voltou a perguntar a Maria Tereza sobre os casos que lera nos jornais, ao que ela respondia sempre no tom de conspiração, para que a mulher se sentisse especial e com informações únicas.

O trem ia em linha reta pela montanha, mergulhando na mata fresca onde agora se viam, de longe em longe, os novos lampiões que deixavam as noites menos escuras. A chegada tinha uma nova estação em aço e vidro, bem ao gosto dos arquitetos franceses que o Barão contratara. O grande marco, que ficaria no alto do Corcovado, também fora feito na França, e transportado sigilosamente em um navio fretado, para ser montado nas alturas no Rio de Janeiro.

Os três caminharam até a ampla esplanada, onde já se percebia o clima de requinte e luxo do coquetel oferecido. Obviamente, o anfitrião não estava à vista. Faria sua entrada mais tarde, no momento devido e meticulosamente preparado.

A bandeja com taças de champanhe chegou até eles tão logo entraram na área do festejo, delimitada por cordões de luzes incrustadas em flores de metal. Tereza pegou o cristal dando uma discreta piscadela ao jovem garçom. Ela o havia indicado para o serviço.

Mantinha os ouvidos na conversa e os olhos no que se passava ao redor. Vários guardas particulares do Barão se espalhavam pelas bordas da festa. Havia alguns membros da Guarda Municipal e uns policiais à paisana, fáceis de identificar. Sozinhos, não bebiam nem comiam o que passava pela frente. A um canto, o delegado Teixeira, a quem ela cumprimentou, vendo em seu olhar o desgosto em vê-la ali.

— Não é impressionante? — perguntou-lhe Aurélia.

Maria Tereza estava tão concentrada em avaliar o ambiente que levou alguns instantes para perceber ao que sua “nova amiga” se referia. A mulher apontava extasiada a imensa estátua — imaginava-se pelo formato — coberta de escuros e pesados tecidos inaugurais. Um presente para a cidade, diziam os correligionários do Barão. Um marco de nosso progresso, afirmava o próprio.

— O que haverá embaixo quando descerrarem os panos?

— Nem imagino — respondeu Tereza.

— Pode ser uma cruz, não? Pelo formato. Talvez uma estátua da virgem santíssima ou do nosso Redentor.

— Pelo gosto que o Barão tem por máquinas, eu pensaria em algo mais tecnológico do que religioso — sugeriu Tereza.

— Oh! Isso seria ousado, não acha?

Aurélia continuou falando, mas a atenção da detetive fora roubada por um estranho esbaforido. O homem saiu do meio da mata que cercava o local, ultrapassou as limitações de flores de metal e correu em linha reta até o delegado. A roupa denunciava um trabalhador do local. Assim que ele falou ao delegado, Teixeira ficou com as faces cinzentas e se dispôs a seguir o homem, chamando dois policiais para acompanhá-los.

— Aurélia e juiz Queiroz, se me dão licença, preciso falar com uma pessoa — disse Tereza.

Saiu antes que a mulher reagisse. Pegou a sombrinha escorada em uma cadeira, largou a taça na primeira mesa pela qual passou e em segundos estava ao lado de Teixeira.

— Aconteceu alguma coisa, delegado?

O homem suspirou exasperado, mas continuou caminhando.

— Madame Floresta, por favor, estamos trabalhando.

— Eu também.

Novo suspiro.

— É um trabalho da polícia — rosnou ele.

— Meu trabalho é do interesse da polícia.

Ele parou e se colocou em frente a ela.

— Peço, Madame, por obséquio, que se mantenha junto aos outros convidados e deixe a questão para os profissionais.

— Sou uma profissional, delegado. — Assumiu uma postura dura e séria. — É um assassinato? Encontraram algum corpo?

O homem ficou ainda mais cinzento.

— Como sabe?

— Como eu disse, delegado: estou aqui a trabalho.

Logo atrás de Teixeira estava o trêmulo operário que o havia chamado e dois policiais à paisana. Os três trocaram olhares tão incomodados quanto o do chefe.

— Posso saber exatamente o que está investigando, Madame Floresta?

Tereza não se intimidou com a pergunta feita por entre os dentes.

— Desaparecimentos, possíveis assassinatos, durante o período que compreende a construção deste monumento financiado pelo Barão do Desterro.

— Não houve desaparecimento nenhum! — O homem lançou gotas de saliva e precisou pegar um lenço. — Eu saberia.

— Não houve? — A voz rouca e profunda de Maria Tereza ficava perigosa quando ela sabia ter razão. — Eu tenho uma lista de nomes, delegado. Se me der conta de onde estão os donos desses nomes, eu paro de fazer perguntas incômodas e posso até não falar com a imprensa.

O homem afrouxou o colarinho e levou o lenço ao pescoço para secar o suor.

— Não há como estabelecer relação...

— Ah, pelo amor de Madalena, estamos conversando demais e a cena do crime está esfriando — reclamou Tereza —, vamos!

Um dos policiais não a deixou ultrapassá-los, como era sua intenção, e a segurou pelo braço. A raiva borbulhou nela.

— Quer que eu grite, delegado Teixeira? Eu posso gritar. E alto. Seria interessante saber como o Barão reagiria se nós acabássemos com o seu festejo.

Ela podia ouvir os dentes do homem rangerem.

— Solte-a — ordenou. — Vamos! Mas a senhora, por favor, comporte-se.

— Continua perdendo tempo, delegado.

Sem responder, ele ordenou ao funcionário nervoso que prosseguisse em frente e o homem os guiou até a sala de máquinas. Era desse local que se geria toda a força automotiva e elétrica do Corcovado, as luzes, o trem e tudo mais.

O lugar ficava parcialmente encoberto por árvores com a óbvia intenção de não prejudicar de nenhuma forma a vista, disfarçando os fios e as imensas bobinas de cabos. O funcionário os conduziu através da porta principal. Eles passaram por uma sala com duas mesas de controle, cheias de botões e alavancas, e outra equipada com rádio, telefone e um alarme ligado diretamente com a central de polícia mais próxima.

Até agora, tal comando nunca fora acionado.

— Por aqui — gaguejou o funcionário, apontando uma porta.

— Aonde leva? — perguntou Teixeira.

— Depósitos e almoxarifado. É tudo subterrâneo.

— Certo. Você — disse apontando a um dos seus homens —, guarde a entrada. O outro desce comigo. Vá em frente — ordenou ao funcionário.

Mesmo sem ser mencionada, Maria Tereza os seguiu. No fim da escada, um enorme depósito demonstrava o quanto o morro do Corcovado tinha sido cavado longe do olhar dos cidadãos do Rio de Janeiro.

O depósito era enorme, estendendo-se até perder de vista, com uma altura que deveria chegar a uns oito metros. Estavam na sala do almoxarifado, limpo e organizado, enquanto outros cômodos laterais se alinhavam em direção à escuridão.

Seguiram em direção a um homem sentado, cabisbaixo, num caixote de madeira. Maria Tereza avaliou-o rapidamente: estatura média, na casa dos quarenta anos, a barriga principiando a aparecer sob o colete. Olhava para o chão, escorando os braços nas coxas. Estava bem vestido, mas não se preocupava em erguer o monóculo que se sustentava sobre a barba de estilo imperial, muito bem aparada.

O delegado se adiantou.

— Doutor Moresco?

Maria Tereza imediatamente reconheceu o nome. Aparecera nos jornais. Era o engenheiro brasileiro que desenvolvera o projeto junto com os franceses e fizera a ligação destes com os operários. Um dos homens de confiança do Barão na criação de máquinas para o seu misterioso empreendimento.

O homem ergueu a cabeça. Tinha um ar transtornado.

— Delegado Teixeira... que bom. Eu, eu realmente não sei o que aconteceu. Pedro me chamou e eu vim conferir, então a porta de pedra se fechou e só pude ouvir os gritos... aí, eu tentei abrir, mas ele já estava morto.

— Doutor Moresco — o delegado se aproximou dele e mandou o policial verificar à frente —, parece-me alterado. Não compreendi sua história.

O policial voltou.

— Delegado, tem um buraco ali adiante, parece que com um tipo de porta oculta na parede.

— Sim — interrompeu Moresco —, eu não sabia dessa porta. Ninguém sabia. Estava na parede. Aí, o rapaz do controle do trem a achou e me chamou para ver.

— Tem um cadáver todo furado ali adiante — informou o policial.

Moresco mexeu a cabeça para cima e para baixo.

— Ele entrou na minha frente e o mecanismo da porta fechou. Quando eu abri...

— O homem está em choque, delegado — disse Maria Tereza. — Não espere muita coerência dele.

Ela também não esperou coerência do delegado e foi ver o que o policial informara. Uma parte da parede de metal, que revestia a sala escavada na pedra, se movera para o lado. Ela olhou rapidamente a junção e vislumbrou o mecanismo que movimentava a parede, ocultando uma espécie de alcova sem qualquer sinal de janela ou iluminação. Depois, viu o cadáver estirado.

Teixeira chegou atropelando-a e tentando forçar a entrada na sala. Tereza colocou o braço na sua frente com o punho fechado.

— Tem certeza de que vai entrar aí?

Apontou a sala escura, em que não havia janelas e que recendia a um cheiro forte, ao mesmo tempo acre e adocicado. Em ato contínuo, Tereza ergueu a sombrinha e mexeu-a dentro da sala. Um barulho de múltiplos sopros chegou a eles. Ela puxou a sombrinha e a mesma apareceu cheia de pequenas setas, semelhantes a espinhos.

— O que é isso? — o delegado perguntava mais a si mesmo, porém, ainda assim, ela respondeu.

— Não sou especialista, mas parecem dardos envenenados.

— Certo — rosnou ele. A contrariedade disfarçava o incômodo de quase ter sido atingido, não fosse pela detetive. — Puxem o corpo com cuidado — ordenou ao funcionário e ao policial. — Como se chamava esse coitado? — perguntou ao funcionário.

— Pedro Flores, senhor — respondeu o funcionário.

— Tinha família?

— Até onde sei, só uma amásia, senhor.

— Certo.

Maria Tereza observou a operação com o canto dos olhos. Parte de sua atenção estava na pequena seta que ela tirara de sua sombrinha e agora girava diante dos olhos.

— O senhor sabe desmanchar esse mecanismo? — perguntou o delegado a Moresco.

— Como é?! O senhor não me entendeu... há alguns instantes eu sequer sabia da existência dessa sala.

— Merda! Precisaremos de alguém que... — pensou Teixeira em voz alta.

— Entenda de mecanismos e engenhocas de modo que possamos entrar na sala para investigá-la — completou Maria Tereza, com ar de inocência.

O delegado voltou a secar o suor com seu lenço, a irritação palpável.

— Teremos de esperar que a Intendência designe um perito e...

— E deixar o provável assassino escapar? Eu tenho um especialista, delegado. E tenho outro associado que pode investigar o veneno da seta e colocar um pouco de luz na sala fétida que o senhor tem de investigar. Seu pessoal pode fazer tudo isso?

Maria Tereza deixou a pausa retórica se alongar.

Se havia alguma engrenagem realmente funcionando era a do cérebro de Teixeira, pesando os prós e contras em permitir que a Guanabara Real se envolvesse. Mas eles já estavam envolvidos e, se dependesse da burocracia, esperaria dias, talvez semanas para conseguir alguém como Firmino Boaventura e, provavelmente, não seria alguém tão competente. E demoraria mais, bem mais, para que conseguisse um especialista em eventos singulares como Remy Rudá.

— Ela tem razão, chefe — disse o policial.

O homem negou com a cabeça por alguns instantes, então, capitulou e fez um gesto afirmativo para Maria Tereza. Ela saiu dali o mais rápido que pode. Queria ouvir toda a conversa com o engenheiro e

inspecionar o cadáver ela própria. Antes, porém, precisava de Firmino e Remy e de um lugar com menos interferência para usar o teskie. Tratava-se de um comunicador de ondas télicas, criado por Firmino, e que lhe permitia passar mensagens em código. Os dois entrariam no morro com o auxílio de Lancelote da Silva, que já os conhecia.

Ela chegou com rapidez à esplanada, onde a música da festa fora interrompida para a tão esperada cerimônia inaugural. Barata Ribeiro, o intendente do Distrito Federal, discursava auxiliado por um megafone, proclamando as excelências do Barão do Desterro para a cidade do Rio de Janeiro e para o Brasil.

Maria Tereza não tinha tempo para isso. Correu até seu jovem amigo em roupas de garçom e lhe pediu que conduzisse Firmino e Remy, assim que chegassem, à sala das máquinas. Em seguida, enviou a mensagem aos dois associados.

Já estava voltando quando a voz do Barão do Desterro entrou no megafone e ela, sem raciocinar, voltou-se para vê-lo. Era um homem alto e magro, jovial nos seus quase cinquenta anos. Vestia uma roupa de gala sóbria e adequada, nem um pouco extravagante. A barba bem aparada e os longos cabelos negros, com poucos fios grisalhos e amarrados por uma fita de veludo, davam-lhe um aspecto confiante e discreto. A voz profunda tinha um quê indefinível que, por uma fração de segundo, moveu algo nas entranhas de Maria Tereza.

— Senhoras e senhores, meus amigos e incentivadores, não sou um homem de palavras, mas de ação. O que entrego hoje à cidade do Rio de Janeiro é uma prova do quanto podem os seres humanos quando empenhados num projeto comum. Do quanto somos capazes com nossos maquinários modernos, tão sagrados e abençoados quanto seus criadores. Pensando no povo trabalhador, inventivo e piedoso que é o brasileiro, quero que a população carioca se contemple e se maravilhe no que ofereço a essa cidade. Sem mais delongas, eu vos dou o marco que alterará nosso horizonte pelas décadas e séculos à frente!

O homem fez um gesto para o Intendente e ambos puxaram as cordas que ali estavam simbolicamente. Os longos panos inaugurais foram

puxados por uma máquina instalada junto ao pedestal e, ao caírem, finalmente revelaram uma estátua impressionante.

Era descomunal e chocante nos seus trinta e oito metros de altura. Fruto de uma engenharia avançada até para os padrões europeus.

Com os braços abertos, a figura longilínea, de barbas e cabelos longos, contemplava carinhosamente o Rio de Janeiro aos seus pés.

Os “ohs” foram logo abafados por fortes aplausos.

A estátua construída com a imagem do Barão do Desterro parecia sorrir.